



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO -
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS
- CCHSTL
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

REBECA SOARES VIEIRA

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA
VOLTADA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA, PARA A PRÁTICA
COM ALUNAS E ALUNOS AUTISTAS NO MUNICÍPIO DE
AÇAILÂNDIA - MA.

Açailândia - MA

2024

REBECA SOARES VIEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA
VOLTADA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA, PARA A PRÁTICA
COM ALUNAS E ALUNOS AUTISTAS NO MUNICÍPIO DE
AÇAILÂNDIA - MA.**

Monografia apresentada ao curso Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnologia e Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa.

Açailândia - MA

2024

V658a

Vieira, Rebeca Soares

A importância da formação docente continuada voltada a educação especial inclusiva, para a práxis com alunas e alunos autistas no município de Açailândia - MA / Rebeca Soares Vieira. – Açailândia: UEMASUL, 2024.

57 f. : il.

Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2024.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Formação continuada. I. Título.

CDU 374:376(812.1)

REBECA SOARES VIEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA
VOLTADA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA, PARA A PRÁTICA
COM ALUNAS E ALUNOS AUTISTAS NO MUNICÍPIO DE
AÇAILÂNDIA - MA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual do Maranhão da
Região Tocantina UEMASUL, para
obtenção de grau.

Aprovado
em:28/03/2024

Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa (orientador)

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Profa. Ma. Maiara Amorim Muniz

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Profa. Esp. Myrna Tuanny da Fonseca Araújo Santos

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Açailândia

2024

Dedico ao meu pequeno sobrinho Benjamin da Silva Silveira, criança com autismo que me redirecionou a novas condutas e conhecimento a respeito da inclusão. Também dedico esse trabalho as incríveis mulheres que colaboraram para minha criação e formação, todo meu amor e imensa gratidão a vocês.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao meu querido professor, orientador Fausto Ricardo Silva Sousa que me oportunizou ser uma de suas orientandas, compartilhou saberes que me direcionaram. O sentimento é de gratidão que preenche o meu ser ao desenvolver e concluir esse trabalho de monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia. O êxtase de boas memórias e aprendizados que me trouxeram até aqui foram cruciais para que eu compreendesse o mundo diante de outras vertentes, eu serei infinitamente grata por ter tido a capacidade de conquistar esses espaços enquanto mulher e filha de mãe solo.

Desse modo, agradeço a minha mãe Elizete da Silva Soares, por sempre estar comigo e me direcionar ao caminho certo! Por me trazer desde cedo os seus ensinamentos e não perdurar sobre mim atos errôneos de ensinamentos que subjagam o outro. Desde cedo aprendi muito com suas ações e trajetória. Obrigada por investir em minha educação, sempre me proporcionar o melhor que tens, espero ser um terço da mulher exemplar e incrível que és.

Direciono meus agradecimentos a minha avó que com muita garra e determinação sempre esteve presente nas minhas conquistas e escolhas e sempre acreditou que eu conseguiria, me incentivando e me orientando a persistir. Foram os sonhos de dias melhores que me trouxeram até aqui e esses dias melhores eu dedico a vocês, minha representação de família, de amor e aprendizagem. Obrigada por todo cuidado de avó, por todas as ações que me fortaleceram.

A minhas irmãs Teilane da Silva Soares e Joelen Soares Vieira que sempre estiveram comigo me apoiando e auxiliando, minhas amigas e irmãs Alejandra, Andressa e Luciana que tive a honra de conhecer na faculdade e que conseguiram tornar o processo menos doloroso em suas etapas. Eu agradeço infinitamente a essas mulheres que mesmo com tão pouca idade são para mim exemplo de superação e lealdade, obrigada por todo o cuidado e paciência.

Ademais, o sentimento de gratidão se estende ao meu menino Benjamin. O primeiro e único sobrinho até o momento, criança que traz sempre alegria e calma ao meu coração. Sou grata por todos os abraços e palavras de carinho, sou a pessoa mais feliz por ser sua tia, poder acompanhar sua evolução e ajudar no processo.

Assim, finalizo com palavras chaves que sempre predominam em minhas ações “agradecimentos contínuos a Deus”, minha infinita gratidão ao meu Pai, é do começo, meio e fim em todos e por todos os percursos que trilhei para chegar até aqui. Obrigada pela força, alegria e sabedoria. Sou completamente grata.

“No presente, a mente, o corpo é diferente e o passado é uma roupa que não nos serve mais”.

(Elis Regina, Velha Roupa Colorida, 1976).

RESUMO

O número de crianças com autismo no ensino regular do município de Açailândia - MA tem crescido consideravelmente. Em virtude disso, foi elaborado o trabalho de monografia de estudo de caso intitulado “A importância da formação docente continuada voltada a educação especial inclusiva, para a práxis com alunas e alunos autistas no município de Açailândia - MA.”, o trabalho é derivado do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada de professores das escolas do município de Açailândia - MA”, desenvolvido mediante a problemática encontrada pautada na necessidade de uma formação continuada para docentes, por meio de ações formativas que provocam a busca de transformações para o alcance de uma inclusão educacional. Diante disso, foram estabelecidos objetivos de analisar o processo formativo do docente desenvolvido no projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada de professores das escolas do município de Açailândia - MA”, para compreender a educação inclusiva, refletir acerca das ações efetuadas e mensurar necessidades educacionais para a efetiva inclusão escolar de crianças autistas a partir da realidade de Açailândia - MA. Para o alcance dos resultados esperados, foram feitas buscas bibliográficas, onde temos como destaque Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), Rosita Edler Carvalho (2019), Paulo Freire (2020) e outros que colaboraram para fundamentar o estudo, análise dos resultados e influência do projeto de extensão com foco na formação continuada de professoras e professores da educação infantil, a pesquisa assume um caráter exploratório das ações assumidas do projeto de extensão. Dessa forma, somente ao final do processo foram esclarecidos e estudados os resultados, como a melhor compreensão do processo de inclusão, melhores formas de adaptações e alterações nas intervenções, sendo estes fatores relevantes para determinar a importância que o projeto estabeleceu na tentativa de rompimento das barreiras educacionais para a promoção da equidade de alunos autistas.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Autismo, Formação Continuada.

RESUMEN

El número de niños con autismo en la educación regular en el municipio de Açailândia - MA ha crecido considerablemente. Como resultado, se desarrolló un estudio de caso monográfico titulado "La importancia de la formación continua docente enfocada en la educación especial inclusiva, para la praxis con estudiantes y estudiantes autistas en el municipio de Açailândia - MA", el trabajo se deriva del proyecto de extensión "Reflexiones y prácticas en materia de educación especial e inclusiva: contribuir a la formación continua de docentes en las escuelas de la ciudad de Açailândia - MA", desarrollado a partir de las problemáticas encontradas a partir de la necesidad de formación continua de docentes, a través de acciones de formación que provoquen la búsqueda de transformaciones para lograr la inclusión educativa. Ante esto, se establecieron objetivos para analizar el proceso de formación docente desarrollado en el proyecto de extensión "Reflexiones y prácticas en torno a la educación especial e inclusiva: contribuyendo a la formación continua de docentes en las escuelas del municipio de Açailândia - MA", para comprender la educación inclusiva, reflexionar sobre las acciones tomadas y medir las necesidades educativas para la inclusión escolar efectiva de niños autistas a partir de la realidad de Açailândia - MA. Para lograr los resultados esperados se realizaron búsquedas bibliográficas destacando a Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), Rosita Edler Carvalho (2019), Paulo Freire (2020) y otros que colaboraron para sustentar el estudio, análisis de resultados e influencia de la extensión. proyecto centrado en la formación continua de docentes de educación infantil, la investigación adquiere un carácter exploratorio de las acciones realizadas en el proyecto de extensión. De esta manera, solo al final del proceso se esclarecieron y estudiaron los resultados, como una mejor comprensión del proceso de inclusión, mejores formas de adaptaciones y cambios en las intervenciones, siendo estos factores relevantes para determinar la importancia que el proyecto estableció en el intento de romper las barreras educativas para promover la equidad para los estudiantes autistas.

Palabras clave: Educación inclusiva, Autismo, Formación Continua

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Espaço arquitetônico do AEE no polo visitado	39
Figura 2 - Formação inclusiva na educação infantil.....	45
Figura 3 - formação inclusiva no turno matutino	45
Figura 4 - Formação inclusiva no turno vespertino	47
Figura 5 - Discussão acerca dos usos dos materiais pedagógicos.....	49
Figura 6 - confecção dos materiais inclusivos	50

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

ASG - Agentes de Serviços Gerais

DSM - Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais

EM - Escola Municipal

HSE - Habilidades Sociais Educativas

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA	17
3. FORMAÇÃO PARA PROFESSORES E PROFESSORAS	22
4. INCLUSÃO PARA ALUNAS E ALUNOS AUTISTAS	28
5. PERCURSO DA PESQUISA	32
5.1. Projeto de extensão “reflexões e práticas da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada de professores das escolas municipais do município de Açailândia – MA”	37
5.2. Inclusão de crianças autistas em Açailândia – MA	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa foi construída em forma de monografia com o título “A importância da formação docente continuada voltada a educação especial inclusiva, para a práxis com alunas e alunos autistas no município de Açailândia - MA”, visando contribuir para a compreensão da formação continuada dos docentes das escolas de rede municipal. O estudo é decorrente do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas municipais de Açailândia - MA”, trazendo assim considerações para pensarmos as necessidades educacionais de Açailândia-MA, sobretudo em relação à inclusão de crianças autistas.

A tomada de decisão para o desenvolvimento e melhor articulação desse estudo a princípio se deu por um interesse pessoal. O desejo por compreender a Educação Inclusiva aconteceu há cerca de mais ou menos sete anos, quando meu sobrinho, Benjamin da Silva Silveira, recebeu o laudo de autista. Foram precisos estudos e readequações para que eu pudesse compreender e me conectar com ele de forma que me sentisse a vontade e segura diante das individualidades dele.

Por conseguinte, surgiu o anseio de desenvolver ações que colaborassem para a educação inclusiva voltada para crianças com autismo. No percurso dos estágios supervisionados, junto ao curso de Pedagogia, surgiu a ideia de desenvolver um projeto com um olhar mais humanizado para as professoras e professores no sentido de promover formação continuada para a inclusão escolar de crianças autistas na realidade educacional de Açailândia-MA. Tal ideia se concretizou, com a colaboração de acadêmicas de Pedagogia, docentes da UEMASUL, campus Açailândia, e profissionais da área da Educação Especial Inclusiva, no projeto de extensão que aqui farei análise.

Diante das observações feitas nas escolas do município de Açailândia é indispensável à análise de um grande percentual de professoras e professores atuantes na educação infantil que não dominam conhecimentos e práticas que incluam no ambiente escolar e promova a equidade. Estando inserida no projeto de extensão como bolsista, foi possível colaborar para a problemática pertinente nas realidades da região, através da formação continuada para professores e outras

ações que possibilitaram as reflexões de experiências e compreensão das realidades sociais divergentes.

Considerando a necessidade de uma educação para todos, como afirmado na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), que implica em condições de que todos possam usufruir de uma educação de aprendizagem nas redes de ensino oportunizando a satisfação das necessidades básicas, a problemática surge de forma inerente a uma contemporaneidade de alunas e alunos com deficiências da rede pública que não são amparados com um suporte de adequação profissional que valorize suas habilidades e invistam em melhorias para as dificuldades de aprendizagem encontradas.

As desigualdades são ainda mais pertinentes quando percebido o número crescente de crianças com autismo inseridas nas escolas públicas de Açailândia, sendo atualmente o maior quantitativo de crianças que necessitam de atendimento educacional especializado, que precisam de inclusão escolar. Diante disso, a demanda a respeito da inclusão foi o que culminou no presente estudo, trazendo como foco as especificidades educacionais apresentadas pelas crianças autistas no espaço da educação infantil.

Diante dessa realidade, o presente estudo teve por objetivo geral analisar o processo formativo docente desenvolvido no projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas municipais de Açailândia - MA”. Os objetivos específicos que alicerçaram a pesquisa foram compreender a educação inclusiva como demanda social e educativa que dinamiza com necessidades formativas; apresentar e refletir acerca das ações efetuadas no âmbito do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas municipais de Açailândia - MA”; e mensurar necessidades educacionais para a efetiva inclusão escolar de crianças autistas a partir da realidade de Açailândia - MA.

O estudo foi construído com um caráter exploratório, que tem como propósito a familiaridade com o problema. Diante disso, assume um papel nessa pesquisa de construir hipóteses que melhor se adequem a realidade, fazendo uso de um planejamento flexível e coleta de dados do projeto que atuou no campo educacional consolidando o estudo de caso que tem como partida do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para

a formação continuada dos professores das escolas municipais de Açailândia - MA”.

Partindo da compreensão de Freire (2013), que nos ensina que a pessoa que compreende a sua realidade esta habilitada para o levantamento de hipóteses sobre os desafios da procura de solução. A escolha dos critérios para o planejamento dessa pesquisa possibilita a propagação de informações a respeito da inclusão na cidade de Açailândia - MA, além de possibilitar cenários reais das experiências dos docentes e servir como base para futuras pesquisas sobre inclusão educacional para as crianças com autismo.

Estruturalmente, a presente monografia está dividida em quatro capítulos. No primeiro, sob o título “O que é educação inclusiva”, conceituo a educação inclusiva e suas nuances em contextos históricos passados e atuais a partir da formulação teórica e documental de Zilda Aparecida Pereira Del Prette (2014), Rosita Edler Carvalho (2019), a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2023) e a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

No segundo capítulo, “Formação para professoras e professores”, discuto a importância da formação docente em relação à educação inclusiva, utilizando algumas autoras e autores como Mantoan (2015), Pimenta (2007), e Pinola e Prette (2014). A utilização dessas obras foi instrumento base para o pensamento crítico da tarefa de pensar sobre formação profissional pedagógica.

No terceiro capítulo, intitulado “Inclusão para alunas e alunos com autismo”, faço menção ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos globais (2023), ao autor Vigotski e seu livro “Problemas da Defectologias” (2021) e Paulo Freire (2020), para uma discussão de conceitualização, contextualização e práticas significativas para a criança com autismo.

O quarto capítulo, “Percurso da pesquisa”, traz uma discussão acerca da metodologia utilizada, das ações que fizeram parte do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a educação continuada dos professores do município de Açailândia - MA”, como também sobre a inclusão de crianças autistas em Açailândia - MA. Após esse momento, trago algumas considerações finais.

Em síntese, as abordagens adotadas foram percebidas como norteadoras para o melhor desempenho da pesquisa, elevando os conhecimentos e mobilizando a busca por equidade para as pessoas com autismo, evidenciando a educação

inclusiva como parte do processo de inclusão social.

2. O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Antes de qualquer coisa, faz-se mister a compreensão do que é a educação em uma linha utilizada atualmente, sendo aquela que valoriza o sujeito como fator primordial para a construção do ensino-aprendizagem. A educação é um caminho de obtenção de conhecimento, uma forma de intervenção do mundo para alcançar novas posições críticas que fortaleçam o objetivo de educação para todos.

Em sequência, a inclusão que segundo Rosita Edler Carvalho (2019), em sua obra “Educação inclusiva: com os pingos nos “is”” posiciona ingênuo o pensamento da educação inclusiva como aquela que não atende apenas aos alunos da Educação Especial, a inclusão em seu termo amplo oferece garantias de urgentes transformações de inclusão para as pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem, pessoas negras, pessoas com deficiência, ciganos, pessoas com altas habilidades/superdotação e outros grupos que compõem a minoria na sociedade. Contudo, preciso pontuar que, para o presente estudo, trarei o recorte em relação à inclusão escolar de crianças autistas.

Antes de trazer considerações específicas em relação à inclusão educacional de crianças autistas, é importante compreender sumariamente a educação inclusiva em suas especificidades, assim, de acordo com Carvalho (2019), a educação inclusiva é um objeto de desejo de diversos especialistas na área que se detiveram para estudar e observar como ativistas da causa, que em algumas palavras declaram como uma educação que ressignifica a escola, suas funções sociais e políticas, para que por meio de práticas pedagógicas possa garantir aprendizagens a todos os aprendizes.

A autora, Carvalho (2019) mencionada traz em suas escritas clareza a respeito da educação inclusiva que apresentou um avanço vultoso ao decorrer das décadas do movimento de lutas para conquistarem esses espaços. De fato uma educação antes tradicional e excludente a qual havia a segregação de pessoas atípicas, em uma versão da história que sequer tinha-se o direito de frequentar espaços educacionais, mostra a passagem da possibilidade de terem oportunidade de ingressarem na educação regular como um marco social educacional.

A educação inclusiva é uma educação social que traz um objetivo individual e coletivo para responder as necessidades apresentadas. Essas duas palavras podem

ser consideradas não apenas como uma educação formal ofertada nas instituições de ensino, mas também uma educação não formal transmitida no compartilhamento de experiências e informal que de maneira geral é gerada nas relações dos indivíduos. Geraldo Peçanha de Almeida (2008), a respeito desses espaços sociais de aprendizagem, discorre a necessidade de que a ideia da diferença esteja em todos esses espaços, pois é exatamente no seio da população que todos esperam que a inclusão possa estar.

Carvalho (2019) narra um pouco sobre o contexto histórico das ideias de educação que deixavam em evidência uma universalização referente a uma individualidade de ideias consistentes voltadas apenas para as crianças ditas “normais”. No entanto, a história felizmente nos proporcionou possibilidades de consciência para os direitos humanos pautados na realidade que antes era imposta sob uma série de violência simbólica diante da desvalorização do educando.

Esses são pensamentos de pesquisadoras atuais que consideram o estudo da inclusão em suas várias condições, que marcaram o processo tornando menos sistemático e mais pluralizado, focados em práticas pedagógicas e possibilidades de oportunidades educacionais que suscitam no aluno com deficiência o desejo pela imersão educacional.

Em virtude da conquista desse espaço e das ponderações feitas, surgiu um dos primeiros passos para inclusão para pessoas com deficiência que consegue indiretamente uma ligação em alguns pontos expostos nas concepções anteriores que é a Declaração de Salamanca (1994), que trouxe consigo o progresso de ideias voltadas para a educação de inserção e traços benéficos para a atuação inclusiva contemporânea. Entre as ideias expostas no documento, pode-se visualizar a condução do educador para ideias antes inovadoras como:

- Todas as crianças têm direito de acesso à educação e a promoção de possibilidades que asseguram ensinamentos adequados para atingir um nível adequado de aprendizagem;
- Todas as crianças apresentam inclinações, habilidades e individualidades que são únicas no sistema de ensino;
- Sistemas educacionais com novas implementações para que sejam redirecionadas às necessidades das diversidades;
- “Pessoas com necessidades especiais educacionais” devem conseguir o acesso livre às escolas regulares e uma pedagogia centrada na criança para que a

mesma sinta contentamento;

- As escolas regulares que possuem orientação inclusiva promovem uma educação de eficiência que combate as atitudes discriminatórias para o alcance de comunidades acolhedoras.

Essas propostas para a educação regular inclusiva foram fatores decisivos para uma readequação educacional que surgiu como um dos pontos principais para a educação inclusiva e direcionam caminhos para alcançar posteriores avanços significativos que considerem não somente causas gerais da educação, mas regionais e individuais de cada alunado.

A Declaração de Salamanca (1994) retrata a exigência imposta na época para alcançar meios favoráveis para o não abandono educacional. São características que diz respeito ao aluno e o alcance de conhecimentos transformadores, tem mais a ver com novas implementações de acesso e contentamento da pessoa com dificuldades de aprendizagem.

Assim, a educação inclusiva nas palavras da autora Carvalho (2019) expõe os pensamentos de que “[...] o movimento de não excluir é implícito nos ideais democráticos aceitos e proclamados, universalmente”. Tem-se como foco uma abrangência de técnicas e abordagens conservadoras que encenam uma inclusão que nada se diz respeito à equidade, onde o foco mais promissor seria a troca de conhecimentos entre professor mediador e aluno. Assim o ato de não excluir acaba sendo implícito nas atitudes sociais escolares, propostas como essas que não instigam ao desdobramento de possibilidades reais, revelam-se como ideias equivocadas que não representam a pedagogia ativa atual da inclusão, sendo fatores questionáveis.

As práticas sociais em cursos de licenciatura e magistério, na maior proporção, eram mecanismos de exclusão de formas dissimuladas e simbólicas. Carvalho (2019) contextualiza a respeito da exclusão que antes era normatizada pela sociedade e frequentemente manifestada de forma implícita, sempre de forma a descaracterizar a pessoa com deficiência levando-a a rejeições e para fora de espaços sociais e valores coletivos.

Indubitavelmente, a marginalização educacional para pessoas com deficiência é um fator desfavorável, motivo que mais causa abandono escolar ou fracasso escolar. Estas mazelas presentes no campo educacional dão sequência a práticas e conceitos antigos de valores excludentes e capacitistas (discriminação contra a

pessoa com deficiência), por vezes a reprodução da mesma destaca padrões escolares que precisam ser abatidos e moldar novos baseados em respeito e empatia.

Segundo Freire (2020) descreve que para que haja respeito com os alunos precisa-se considerar o ser formando-se, suas condições e experiências. Mediante esse reconhecimento torna-se possível uma conexão de respeito e empatia.

Felizmente, muitos pontos sobre a temática passaram por modificações que colaboram para a inclusão, possibilidades que implicam não somente em leis e garantias legais para a concretização, como também mobilizações que promovam consciência e profundidade da questão. Não são aspectos simples de mudança, são etapas que percorrem a tomada de consciência, ressignificação, pesquisas, práticas e reflexões. Inclusão é o respeito da alteridade do outro e equidade em todos os seus âmbitos.

Nesse debate, é necessário discutir o artigo 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, ao dispor do entendimento de que a educação especial é aquela direcionada ao educando com deficiência, superdotação e transtornos globais do desenvolvimento.

Diante dessas características apresentadas anteriormente, a educação especial junto à inclusão são ferramentas para a busca da equidade nos meios sociais. Montoan (2015) discute o assunto ao afirmar que a partir da política de educação social, visou à quebra do modelo de segregação educacional. A educação especial inclusiva tem se fortalecido cada vez mais, apoiando seu público-alvo.

Sobretudo, o conceito descrito acima foi exposto sob as ideias da LDB e Mantoan (2015), para as pessoas que se encaixam nessa realidade. É essencial o respeito a todos os pontos destacados sendo esses percursos indelétricos onde a pessoa se vê na sociedade como alguém que em seus dilemas apresenta seus posicionamentos, assim como pessoas típicas também, reconhecendo a capacidade de criticar e refletir novas expressões sociais.

Uma vez que adquiridas e implementadas concepções de recriar os conceitos inclusivos, há o propósito de complemento para uma adequação de ensino dos alunos autistas com a exploração em vivências, desejos, imaginação, autonomia e responsabilidade. O aluno no ambiente formador não está apenas adquirindo conhecimento, a inclusão reconhece o viver do aluno, para que seja um lugar ansiado pelo estudante com autismo sendo preciso que o mesmo consiga interações

sadias e sentimentos de alegria e motivação.

Dessa forma, o ambiente tem como característica positiva para a criança autista quando está organizado de maneira adequada onde o mesmo não tenha uma sobrecarga de informações daquele espaço com colagens, imagens, sons e outros. O conhecimento e readequação do espaço educacional colaboram para que o aluno com autismo consiga se concentrar com mais facilidade com as temáticas desenvolvidas em sala.

3. FORMAÇÃO PARA PROFESSORAS E PROFESSORES

A formação docente é constituída por diversos conhecimentos e experiências estruturantes, que tem se modificado com o tempo para que consiga responder às necessidades da sociedade que aos poucos vai se atualizando e fazendo uso de materiais que se configuram como novos e necessários para que haja uma readequação de aprendizagens.

Essa reestruturação educacional carrega consigo características inovadoras, as quais visam uma melhoria e avanço educacional, que promove uma emancipação educacional humana e de caráter democrático. Mas quando pensamos em educação inclusiva no cenário atual, a carência dos conhecimentos que deveriam vir de toda uma trajetória de planejamento e adaptações que compõem o currículo na formação é mais uma problemática que os quadros de herança cultural e científica.

A autora Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), na obra “Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?”, traz em seus estudos e relatos de experiências na docência de educação inclusiva a visão de que a escola é um ambiente com total capacidade e influência para uma transformação da sociedade. Contudo, de acordo com a autora, tais considerações se tornam utópicas sem que haja uma inovação pedagógica na formação docente inicial e continuada.

Nessa vertente, podemos destacar os conceitos expostos por Selma Garrido Pimenta (2007), no texto “Formação de professores: identidade e saberes da docência”.

De acordo com a autora, a formação inicial docente é constituída a partir do desenvolvimento de um currículo formal tendo em sua estrutura disciplinas que abordam teorias e práticas que fundamentam as atividades letivas para além de um fazer burocrático, mas enquanto dimensão intelectual. Contudo, por vezes esse processo formativo se distancia da realidade, causando um estranhamento quando se realiza o estágio e/ou a prática docente se torna uma constante.

Posteriormente, a autora conceitua a respeito da formação continuada, que pode se dar em três dimensões. A primeira é a partir de cursos oferecidos por instituições educacionais voltadas para esse fim, incluindo assim as pós-graduações e cursos específicos de atualização docente. Muitas vezes, esse tipo de formação continuada não se comunica diretamente com as demandas da realidade a qual o/a

docente está atuando, não proporcionando efetiva mudança da prática educativa.

A segunda dimensão de formação continuada é a autoformação, caracterizada pela busca constante de reflexão a partir de demandas específicas, sendo assim uma atuação que percorre da prática no campo educacional, como também da busca por estudos e pesquisas que colaborem para uma melhoria coletiva. De maneira geral, essa modalidade formativa carrega consigo grande possibilidade de modificação a partir do aprimoramento das capacidades humanas incorporadas em práticas e estudos.

A terceira dimensão de formação continuada é a realizada na própria instituição educacional, a partir de demandas reais, de problemáticas que se fazem presentes no local de atuação e que precisam de intervenção docente. Interessante perceber nessa discussão, assim como aponta Pimenta (2007), que essa modalidade formativa se concretiza pela autonomia escolar.

Ainda de acordo com Pimenta (2007), o propósito da formação docente, tanto inicial como continuada, nas suas três facetas, não é fornecer um passo a passo para a atuação em sala de aula, mas sim capacitar a classe docente para compreender criticamente a educação escolar e assim atuar para que a transformação social seja uma realidade, para que a educação cumpra verdadeiramente sua função social, e nesse sentido, não podemos deixar de discutir a formação docente no que se refere à educação inclusiva.

Ademais, pode-se afirmar que alguns dos conceitos apresentados ainda não são bem assimilados e constantes nas práticas de alguns docentes. A autora Mantoan (2015), descreve o desejo das professoras e professores em uma educação continuada voltada para a inclusão, que ensine a dar aulas para as pessoas com deficiência e dificuldades de aprendizagem, estratégias e ideias definidas que prometem a resolução de todos e quaisquer problemas apresentados nas escolas.

A formação que eles esperam receber a respeito da educação inclusiva se enquadra em uma continuação tradicional e global que consiga responder a todas as problemáticas levantadas em ambientes escolares por “indisciplina” das alunas e alunos atípicos.

Os formadores atuantes neste processo esperam algo pronto e acabado, que molde todas as dificuldades de aprendizagem. Embora pareça o caminho mais simples, é apenas uma fantasia. O responsável por educar em sala de aula ao

alcançar e colocar em prática a dinâmica exposta anteriormente irá de encontro com a frustração por vivenciar condições diferentes que advém do espaço social, da cultura e dos conceitos e aprendizagens que o discente adquiriu anteriormente em sua trajetória.

Certamente as realidades apresentam características diferentes, que uma educação inclusiva global não poderia solucionar. Tais perspectivas são formuladas na trajetória acadêmica e profissional quando em contato com uma realidade voltada ao tradicionalismo que tem foco sob um desenvolvimento de conteúdos, ao estarem submersos em tais ideias as identificam como coerentes para as práticas da educação.

O processo de formação apresenta a necessidade de superação das exigências que distanciam a todos de um ensino humanizado, reforçando o distanciamento do desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo. As garantias de conhecimentos que sirvam como bases são apresentadas de maneira que considere apenas o teórico e a transmissão de conteúdos que formem a todos, a formação deve voltar-se para uma pedagogia completa que conheça também os indivíduos e suas divergentes características.

Adréia Brasil da Silva Alcântara et al (2021), discute a respeito das diversidades encontradas no ambiente educacional, as peculiaridades se mostram simples, mas a atuação apresenta complexidade provocando um desconforto e sentimentos de preconceito voltados para o educando.

A experiência exposta pelos autores coloca em questão o ambiente escolar, que é apresentado como objeto diversificado. Destaco essas divergências em planos arquitetônicos do ambiente, a forma de organização da escola, a metodologia usada por cada professora e professor e as individualidades de cada aluno. As formas de intervenções contribuem para o processo de inclusão que favoreça a quebra de preconceitos. Conhecer o aluno com autismo em especial é conhecer as características da existência.

Por conseguinte, o uso de articulações de tratamento adequadas às alunas e alunos, a promoção de debates que atendam a heterogeneidade promovendo igualmente as oportunidades de participação e inclusão educacional, são características que se esperam de uma formação pedagógica completa que desenvolve conexões com as realidades, que abarcam uma sequência de eventos e condições a serem estudadas e analisadas.

A ausência de posições que conversem com a educação inclusiva de maneira direta ao decorrer da pesquisa expõe que é essencial a construção de uma nova ética escolar como forma de potencializar a educação inclusiva que se leve em conta o saber individual e social. Assim, a conduta educacional na formação de professoras e professores não estará contida apenas em uma visão homogênea criada pela classe dominante de ensinar e aprender.

A ética, em sua dimensão crítica e transformadora, referenda nossa luta pela inclusão escolar. A posição é oposta à ética conservadora, porque entende que a diferença está sendo constantemente feita e refeita, já que vai se diferenciando infinitamente. A diferença é produzida e não pode ser naturalizada, como pensamos, habitualmente. Essa produção merece ser compreendida, e não apenas respeitada e tolerada (Mantoan, 2015, p. 35).

Levando em consideração as palavras de Mantoan (2015) a respeito da diferença que é produzida na sociedade, podemos explorar a existência da pessoa com autismo colocando-a em evidência para que as professoras e professores admitam uma posição de pensar criticamente que resulte em uma abordagem de novas dimensões de compreensão. A exigência de refletir as dimensões de certo ou errado nos espaços escolares, produz dignidade e respeito nas diversas atuações pedagógicas onde o ser autista não é colocado apenas como uma diferença, mas como uma das diversas diferenças a ser envolvida e explorada no campo educacional.

A interação entre as (os) estudantes são meios de aprendizagens pelos quais se adquirem novos conhecimentos a respeito das diversidades existentes no ambiente de convívio. A promoção de estímulos e práticas investidas para que isso aconteça também de maneira mediada direcionada pela professora e professor eleva a oportunidade de experiências, levando aos alunos um hábito de assumir o papel de ser atuante na sociedade e compreendê-la.

Segundo Andréa Regina Rosin Pinola e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (2014), em seus escritos desenvolvidos mediante os desafios da inclusão com ênfase na formação docente e as habilidades que precisam ser alcançadas, explana a coerência de se buscar melhores condições de práticas inclusivas que contemplem diferentes áreas do conhecimento para que em conjunto sejam possíveis melhores condições de ensino para todos os alunos.

Diante das práticas inclusivas, são pertinentes não somente materiais,

espaços e recursos auxiliares como sendo colaboradores significativos, mas também deve-se atentar para a contextualização que investe em reflexões e críticas voltadas para interações que fortalecerão as relações sociais de alunos e professores. Para que em sequência, sejam conduzidas interações intencionais de solução de problemas e desenvolvimento da autonomia.

Inquestionavelmente, devem-se criar condições em que a pessoa com autismo consiga responder as demandas educacionais de forma ativa. O formador deve avaliar as suas propostas para que consiga relacionar a realidade do alunado, atento às demandas e dificuldades de aprendizagem, o docente legitima os fatos por meio de vivências conduzindo-os para o conhecimento de possibilidades de alteração das condições de ensino. E para que seja possível, é imprescindível o suporte de outros profissionais que atuam com a inclusão escolar.

Pinola e Prette (2014) adentram na ideia de colaboração da troca de conhecimento de diversos profissionais da educação. Com o intuito de promover práticas mais motivadoras e sob as concepções de outras pessoas que detém do conhecimento de práticas educacionais, fortalecendo e buscando assegurar saberes consistentes para a concretização da inclusão.

Mantoan (2015) apresenta a ideia que “Formar professor na perspectiva de educação inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis”.

A ressignificação da atuação docente é uma pauta que leva em consideração a educação inicial de formação, para então chegar a uma formação que vá complementar seus conhecimentos. Ao pensar no papel do professor e práticas inclusivas, essa questão tem maior aprofundamento por ser característico não apenas de transferências teóricas ou de pesquisas, mas também práticas, vivências para a tentativa de incluir o aluno dentro de suas individualidades, de forma lúdica e didática.

Analogicamente, o processo de formação continuada para os docentes do ensino regular é um grande desafio de ressignificação onde o professor tem de estar disponível e aberto a novos conhecimentos e possibilidades. A condição atual excludente e majoritariamente elitista precariza a educação inclusiva e as possíveis condições de melhorias.

Há um conjunto de espaços educacionais que precisam de modificações não

apenas em sala de aula adaptadas como também a cooperação e participação da gestão e coordenação educacional que irá atender aos obstáculos enfrentados pela pessoa com dificuldades de aprendizagem em especial para crianças com autismo. O ato de mover para a inclusão consiste em deslocamento, saída de um pensar tradicional para o transformador.

Também na sequência de pensamento da autora, ela fundiu o compartilhamento de ideias, práticas e sentimentos entre os profissionais para a obtenção de sucesso da dita por ela “formação emergência para inclusão”. A execução de alterações positivas na educação deve ser concreta e reveladora, as abordagens de conhecimentos não partem do padrão de slide ou livros, mas origina de vivências reais que envolvem o corpo pedagógico e os levam a refletir e criticar, redefinindo pouco a pouco a educação.

Ademais, os conhecimentos ao se adequarem as práticas para as crianças com autismo consideram em aspectos gerais algumas características do espectro que podem ser apresentadas pelo aluno como um comportamento atípico, dificuldades de socialização, dificuldade de concentração, hipersensibilidade e outras que precisam ser compreendidas e assegurem a criança a um ambiente inclusivo em que se sinta confortável para o melhor desenvolvimento e aprimoramento das habilidades.

Dessa forma, através da consciência e uma sequência de métodos didáticos plurais, compartilhamento de informações e experiências é possível visualizar o começo do que chamaríamos de uma educação reformulada como base no atendimento para os três tipos de formações. Assim, elas resultaram em um grande percentual de linhas de estudos e ideias que o educador irá conduzir sua jornada, sendo ela prejudicial ou não ao desenvolvimento do aluno com autismo. Por esse motivo, é de suma importância que a base para as formações continuadas e autoformações também sejam estas libertadoras.

4. INCLUSÃO PARA ALUNAS E ALUNOS AUTISTAS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma trajetória de resistência e conquistas para a as pessoas do espectro.

A princípio, as palavras usadas para nomear esse grupo de pessoas eram Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento e outros, sendo uma das mais conhecidas e que era usual ainda na modernidade o “Transtorno de Asperger”, que caiu em desuso por ser fator de discussões de autores e defensores que acreditam e comprovam fatos desfavoráveis para que seja conhecido dentro desta nomeação.

Em sequência, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (2023), explana a dimensão do TEA com suas características de desvantagem na comunicação recíproca, na integração com os indivíduos e comportamentos repetitivos. São sintomas que podem ser percebidos desde o início da infância, sendo mais comum em pessoas do sexo masculino, podendo ter um alto nível prejudicial para a pessoa quando não há acompanhamento de profissionais.

A pessoa com TEA apresenta características singulares e níveis de suporte que variam de uma pessoa para outra, por essa razão faz-se necessário o compromisso de conhecer, pesquisar para compreender a criança e as possibilidades de melhor desenvolvimento com respaldo de suas individualidades.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um grupo de desordens neurocomportamentais de grande complexidade, no qual o indivíduo pode apresentar diferentes níveis de comprometimento neuroevolutivos e comorbidades, e manifestar características comportamentais, a saber: redução do contato visual, restrição em mostrar, pegar ou utilizar objetos, padrões repetitivos e restritos de interesses ou atividades, bem como comportamentos estereotipados, déficits na comunicação e interação social, dificuldade ou ausência de fala. (Mariana Folly Brandão et al., 2023, p.3)

O aumento de pessoas que se encaixam nesse perfil tem crescido em grande potencial, alguns fatores prováveis para as possíveis explicações são melhores diagnósticos e aumento do conhecimento. Pontos que não anulam as existências anteriores, as quais em alguns estágios da história da humanidade sequer são mencionados como seres que transmitem significado para a sociedade.

Como resultado, os diagnósticos mais acessíveis para a sociedade e níveis elevados de conhecimentos, beneficiaram a comunidade autista para que eles

pudessem buscar com o apoio da família por ajuda especializada logo na infância, é um meio que facilita o melhor desenvolvimento cognitivo da criança e interações interpessoais, aumentando significativamente o seu sucesso escolar e relação com a prática de maneira a submeter maior sentido para o indivíduo com TEA.

Nessa perspectiva, pensando nos espaços escolares, os educadores são os criadores, inovadores e pessoas que admitem uma identidade de “determinados” como aqueles que buscam mudanças significativas que permitam uma maior assistência para as crianças com autismo.

O DSM (2023), diante do autismo estabelece níveis de suporte para atendimento que são divididos conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 : Níveis de suporte e suas características.

NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3
RECORRE AO APOIO	RECORRE AO APOIO SUBSTANCIAL	RECORRE AO APOIO MUITO SUBSTANCIAL
Déficits na comunicação social, dificuldade na mudança de atividade, problema de organização e planejamento.	Déficits graves na interação social, interação na abertura social que parte do outro, dificuldade extrema em lidar mudanças e apresenta comportamentos repetitivos.	Déficits graves na interação social, comunicação verbal e não verbal, dificuldade extrema em lidar com mudanças apresenta comportamentos repetitivos.

Fonte: Informação retirada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), (2023).

Os níveis de suporte estabelecem as várias nuances do que é o espectro, como a existência de características que dentro de um quadro podem ser comuns, mas são colocadas em evidência pelos indivíduos de maneira singular. Nessa linha de raciocínio, as intervenções para crianças com autismo são buscas de métodos e meios de práticas e reflexões diferentes que considerem o conhecimento do aluno e suas pertinentes necessidades educacionais.

As pessoas com autismo ao serem identificadas em seus níveis de suporte

por suas variações apresentam características como a seletividade alimentar que se diverge de um indivíduo para outro, por exemplo; a criança A e a criança B apresentam seletividade alimentar, criança A não come frutas inteiras, apenas trituradas, enquanto a criança B não consegue comer alimentos em grãos como arroz e feijão. Essas singularidades se dão por diversos fatores como a sensibilidade a texturas dos alimentos, algumas são mais sensíveis ao barulho, outras apresentam muita ou pouca dificuldade de interação como exposto na tabela 1 que divide os níveis de suporte.

Para alavancar ainda mais a construção de saberes com relação ao autismo, o número de pessoas tem crescido e se destacado consideravelmente e urge a necessidade de leis e práticas que garantam o sucesso escolar em todos os níveis educacionais, a promoção do espaço escolar com múltiplas conexões favorecendo as HSE (habilidades sociais educativas), uma alta qualidade cognitiva e alternada que contribua para as respostas de estímulos externos e internos do campo escolar.

O autismo considerado na LDB (2023) se encaixa no art. 59 que diz respeito a transtornos globais do desenvolvimento, entretanto a especialização e qualificação para que aconteça o atendimento especializado se encaixa no nível médio da educação, sendo essa uma fase ainda não pesquisada, estudada e pensada criticamente para que o atendimento seja de qualidade e eficácia para o aluno.

A Lei N° 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, lhes assegura direitos excepcionais como mencionado no art. 3º, as garantias de acessos à educação, saúde, trabalho, moradia, assistência social, liberdade e diversas outras demandas. Ela entrou em vigor no dia 27 de dezembro de 2012.

O autismo, mesmo sendo um estudo “atual”, acarreta precisões que estabelecem ligações umas com as outras como a saúde no atendimento multiprofissional, precisa se conectar com a educação e a vida pessoal em práticas de ensino que vigorem em avanços, etapas e processos individuais e educacionais.

Desse modo, a lei anteriormente citada é o marco inicial para que novas legislações sejam pautas de análise para o contexto atual para a pessoa com autismo. Para, além disso, precisa-se de garantias regionais que estabeleçam normalizações para que não haja precarização no desenvolvimento da criança com autismo, que seja possível uma adequação a valores moldados nas diversas dimensões socioculturais.

Visto que segundo Vigotski (2021), impulsiona em sua obra “Problemas da defectologia”, o estudo das barreiras que estavam e estão em operação para a vivência com liberdade aos alunos com deficiências, considerando também o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos escolares para estabelecer vivências na pluralidade.

Com o efeito de transformação da sociedade para a inclusão das pessoas com deficiências, os estudos de Vigotski (2021) fazem parte dos primeiros pensamentos críticos de organização social que não pensam a deficiência de forma isolada, ele defendia que não havia a necessidade de uma educação para crianças “normais” e outra para as crianças “anormais”, pois as diferenças consistiam apenas nas formas de desenvolvimento, chegando as duas em uma mesmo final que é a obtenção de conhecimentos.

Através do aprofundamento teórico em seus escritos, podemos visualizar uma história traçada de momentos que tiraram a pessoa de um espaço de “invalidez” para tão totalmente aptos como qualquer pessoa típica. A velha e nova pedagogia social apresentam controversas que apontam as fragilidades de um sistema que busca por harmonia.

Paulo Freire (2020) realça uma pedagogia em sua obra “Pedagogia da autonomia” que o ato de ensinar não se limita apenas a uma transmissão de conhecimento, o ensinar consiste em pensar certo e o pensar certo dentro de cultura inclusiva é pensar na criança com autismo como ser social, dando a ele condições de criar, instigar e alcançar seus objetivos.

Dessa mesma maneira, a criança com autismo merece conquistar espaços assegurados em pedagogias que não limitem seu potencial, para que ela possa alcançar segurança em si mesmo e autonomia para o processo.

5. PERCURSO DA PESQUISA

O percurso metodológico de pesquisa escolhido foi de estudo de caso em relação ao projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas do município de Açailândia – MA”. O estudo consiste em uma profundidade na elaboração de múltiplos meios de coletas de dados para a identificação de evidências no campo de estudo.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso é um campo de pesquisa que tem em foco as ciências sociais. São adotadas algumas estratégias para a sua execução, como análise de informações com condições de tipos de pontos escolhidos para a pesquisa, o controle de dados e o foco em fenômenos históricos, em contraposição aos contemporâneos. Nesse sentido adotei o método do relato de experiência para evidenciar vivências e questões geradoras acerca do projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas municipais de Açailândia – MA”.

A proposta foi desenvolvida sob uma abordagem de caráter exploratório, que segundo Antônio Carlos Gil (2021), é aquela que proporciona maior familiaridade com o problema proposto, possibilita a exploração do assunto ou construção de hipóteses e tem como desempenho a investigação de características do meio social. Aspectos estes, onde se propõe uma compreensão do ambiente e flexibilização para fatores determinantes referêntes aos acontecimentos educacionais.

Para o desenvolvimento do presente estudo, fizemos uso da pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2021), é um levantamento de trabalhos voltados para a temática escolhida e uma revisão das obras científicas para análise que apoie a pesquisa. Sob o mesmo ponto de vista, as ações de âmbito educacional que compõem a trajetória da pesquisa foram pensadas de modo que haja a inserção e inclusão dos discentes para a condução de uma pesquisa pautada na realidade social.

O projeto de extensão “Reflexões e práticas a respeito da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada dos professores das escolas do município de Açailândia - MA” foi redigido em todas as suas etapas no objetivo de alcançar respostas para a inclusão das pessoas com deficiências de forma geral, presentes nas escolas do município da cidade. A inclusão em pauta considera vários

métodos que possam facilitar o processo estudantil do (a) aluno (a).

A princípio, ele foi escrito por minha pessoa, acadêmica do curso de pedagogia, com a supervisão e orientação da professora Adriana Mesquita Lopes. Dentro do processo, foram pensadas todas as etapas que seriam de fato essenciais para colaborar em uma mudança significativa. As etapas visam não somente a participação de palestras como também uma participação ativa nesse caminho inclusivo, no qual os professores tenham a oportunidade de modificar sua realidade.

Certamente, antes de começar qualquer ação, houve a realização de algumas reuniões com um repertório composto por características da realidade do meio social, deu-se respaldo ao estágio vivenciado e também as minhas diversas experiências e da orientadora, para não organizar ações fora da realidade social na qual estamos inseridas.

Nesse sentido, além de ter o apoio da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, buscamos para que a Secretaria de Educação do Município de Açailândia também pudesse auxiliar nessa missão. Essa parceria foi possível através da realização de diálogos e colaboração na liberalização dos dias que os professores pudessem se dedicar a obter novos conhecimentos e experiências.

Para tanto, o apoio universitário da gestão e direção do curso e das responsáveis pela educação do município, foram conquistas que colaboraram para a execução e caminhar do projeto de extensão. As ideias antes elaboradas foram reelaboradas com novas visões de pessoas que têm experiência da realidade na prática de Açailândia.

Por conseguinte, as reuniões e alinhamentos de ideias resultaram em ações voltadas especificamente para algumas creches escolhidas pela grande necessidade e quantidade de alunos com deficiência, agora os participantes não seriam somente as (os) professora (e)s como também cuidadoras (es) e a gestão escolar. E para, além disso, o movimento voltou-se também para a unidade acadêmica de ensino enquanto cursos de licenciatura.

Para melhor efeito em resultado, antes de todas e quaisquer ações haviam reuniões com as pessoas que compuseram o projeto de extensão. As conversas para melhor entendimento de toda aplicabilidade fortaleceram as escolhas coletivas, compreensão de cada etapa e amadurecimento de ideias como um todo. Parte base para a elevação de cada objetivo e alcance deles.

Com o intuito de assegurar aos alunos da universidade os conhecimentos através de novas metodologias e técnicas, a ampliação do projeto possibilitou uma maior e melhor bagagem de conhecimentos acerca da inclusão educacional para as pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem. Novas capacidades foram desenvolvidas por meio de palestras, práticas e rodas de conversas pensadas exclusivamente nessa elevação cognitiva e possibilidade de novas vivências.

Naturalmente, esses episódios de crescimento tiveram como base as experiências da discente da primeira turma do curso de pedagogia e sua estrutura curricular, como também as necessidades apresentadas pela turma em como incluir no espaço escolar. Os procedimentos oportunizaram as turmas o esclarecimento de dúvidas, o contato com novos saberes e a inserção em práticas adaptadas.

Em virtude da nova moldagem de acontecimentos, o projeto transcorreu dentro da universidade. O primeiro momento foi uma palestra no mês de março de 2023, voltada para os universitários e professores, com a profissional da educação Ivanilde Sobral de Lima, que atua como coordenadora da educação especial da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), pessoa habilitada para compartilhar com clareza a realidade da cidade de Açailândia – MA.

A palestrante atentou-se a porcentagem de pessoas com deficiências no município e apresentou para as(os) discentes, para manifestar a certeza de pessoas que carecem da inclusão de forma que possam trilhar o caminho do estudo com dignidade, onde ela(e) possa interagir com seus colegas de forma segura, sem que haja preconceitos. Manifestação essa que desperta a proeminência da penúria de conhecimentos e práticas adaptativas inclusivas.

Seguidamente, ela explicou um pouco sobre algumas dificuldades de aprendizagem e a importância de que haja pessoas capacitadas para amparar as necessidades apresentadas. Ela discorreu um pouco sobre o TEA (transtorno do espectro autista), sobre TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), deficiência intelectual, paralisia cerebral e deficiência física.

Assim que explanou a respeito das características de cada deficiência e algumas divergências educacionais, ela também se atentou a delegar a respeito das exigências não cumpridas pelas escolas. Tais exigências não se enquadram apenas em questões arquitetônicas do ambiente como também em uma adaptação curricular, adequação do ambiente de estudo, utilização de materiais e métodos

facilitadores das aprendizagens e um plano de aula que vise também à criança atípica.

Sobretudo, explicou a importância de tais ações e em sequência foi aberto um momento para que os discentes pudessem participar trazendo os seus questionamentos para discussão de todos no ambiente. Esse período de busca por respostas não somente enquanto acadêmicos, mas também pais, mães e responsáveis foi essencial para compreender o ambiente e entender a forma de buscar pelos direitos das crianças e adolescentes, enquanto pessoas com deficiência e dificuldades de aprendizagem.

Com o propósito de envolver os acadêmicos nos assuntos e proporcionar a criatividade a respeito do tema, alcançamos a participação das pessoas e uma inquietação com a realidade, e é através dessa inquietação que se torna possível à busca por soluções, a busca por novos ensinamentos mais aprofundados sobre o tema.

Ademais, realizou-se o “Dia do brincar e acolher”, no mês de maio de 2023, na Universidade Estadual do Maranhão – UEMASUL. Foi um dia onde foram organizados jogos e brincadeiras inclusivas dentro do Campus, para que os alunos pudessem saber como seria a prática dentro da disciplina de educação física ou na recreação escolar. O momento contou com a presença de um professor formado no curso Educação Física, Cleyton Dias.

Em primeiro plano, os universitários foram direcionados para umas das salas onde o docente explicou a todos como incluir dentro da disciplina, além de claro explicar alguns termos e análises técnicas para acontecer a inclusão de forma ativa e embasada em prática e teoria.

Em seguida, eles foram liberados para desfrutar das brincadeiras e jogos que foram organizados no espaço da universidade e pensados diante de algumas dificuldades e deficiências. Tivemos o apoio de uma gama de professores que puderam auxiliar nesse momento, e de monitoras que direcionavam as brincadeiras e jogos.

À medida que o tempo passava, mais pessoas estavam envolvidas nas dinâmicas. Alguns dos jogos e brincadeiras escolhidas foram: a caixa tátil, onde a pessoa com a venda nos olhos tateia com as mãos o objeto na tentativa de acertar o que esta na caixa, tal dinâmica possibilita o sentimento de se colocar no lugar do outro e entender as diferentes formas de compreender o mundo, além que quando

usado em sala de aula permite o aluno com baixa visão ou deficiente visual uma conexão com a sala onde ele se sinta inserido e representado e os colegas possam entender também sua realidade.

Além disso, praticaram vôlei sentado, que é comumente adotado por pessoas com pouca mobilidade; cabra cega, futebol adaptado para as pessoas com baixa visão e/ou deficiente visual, onde as bolas tem certo tipo de guizo para guiar os jogadores através do som e também tinha como brincadeira um circuito tátil, onde a pessoa percorria o caminho descalça e com a ajuda de uma outra pessoa para guiar até a linha de chegada da brincadeira.

A interação aconteceu não apenas entre as turmas de licenciatura, mas também turmas de outros cursos participaram e conseguiram ampliar e aprimorar seus conhecimentos. Cada uma das brincadeiras e jogos foram pensados de acordo com as diversas características das pessoas com deficiências.

Como também há uma urgência de ouvir as pessoas em seu lugar de fala, foi dada sequência aos momentos com uma mesa redonda, onde as pessoas que compunham essa mesa eram pessoas com deficiência. Pode-se destacar a pessoa surda formada em pedagogia, Mateus Batista de Souza, o aluno com autismo que cursa letras licenciatura na mesma universidade, chamado Felipe Viana Vieira e a nossa convidada com deficiência física, historiadora, professora e mestranda Dallila Moraes.

Os convidados puderam traçar um pouco de suas histórias estudantis destacando detalhes cruciais para compreendermos essa realidade da parte de quem vive por vezes uma exclusão social. Esse momento serviu como forma de conscientização, principalmente para explicar que são pessoas capazes e excelentes no que fazem, para que os demais pudessem analisar com um olhar inclusivo e não capacitista.

Sobretudo, nesse momento foi contado um pouco sobre a trajetória de cada um, algumas nomenclaturas corretas a serem usadas, sobre o capacitismo das pessoas por presumirem que não são capazes de desenvolver algumas habilidades e também sobre a importância do respeito e empatia para com todos.

Desse modo, com o partilhar de ideias, teorias, práticas e vivências (o)s discentes puderam saborear de forma única a realidade e formas de não apenas inserção como inclusão, uma inclusão que busca, sobretudo, a equidade, um ambiente confortável para o crescimento da criança e adolescente.

O projeto de extensão foi pensado e pautado nas ações voltadas para professores do município, mas conseguiu assegurar também os acadêmicos, proporcionando a eles que sejam futuros profissionais com realizações positivas e conquistas educacionais que envolva a todos.

Ademais, a análise desse estudo volta-se inteiramente para a prática com os professores e as crianças com autismo. O Município apresenta em maior quantidade pessoas com TEA e o estudo advém desse desafio que é o processo inclusivo para os profissionais da educação. Processo inclusivo esse que envolve toda uma gama educacional de gestora, supervisora, parte técnica administrativa, professoras, cuidadoras e as outras pessoas que compõem o quadro profissional de uma escola.

O anseio de estudar a respeito do assunto foi um trajeto que proporcionou diversas aprendizagens de novos conhecimentos e desafios a serem resolvidos e ultrapassados. Entender que cada um tem sua maneira de ver o mundo e entender que cada um é singular em sua forma de existir, não existe ninguém igual ao outro e por essa diferença é crucial existir o respeito, a inquietação por soluções e o cuidado com o outro.

Contudo, as outras ações como formação continuada para os professores, adaptação curricular, como incluir com materiais já existentes na escola e oficinas de construção de materiais inclusivos será o foco de estudo e analisado da melhor forma para compartilhar conhecimento e mostrar os resultados da aplicação.

5.1. Projeto de extensão “Reflexões e práticas da educação especial e inclusiva: contribuindo para a formação continuada de professores das escolas do município de Açailândia - MA”

Em primeiro momento tivemos a visita ao AEE (centro de atendimento educacional especializado) da escola municipal Tancredo de Almeida Neves, localizada na Rua Curitiba, centro da cidade recebeu a visita das componentes do projeto extensão, eu enquanto bolsista e as voluntárias Luciana Gonçalves Dias e Rita de Cassia Borges Domingues, com o propósito de conhecer o ambiente de atendimento para as crianças com deficiência e em questões mais específicas como testemunhar práticas voltadas para esse atendimento. A visita ocorreu no mês de março de 2023 e foram possíveis as observações e breves análises centradas nas crianças e adolescentes com autismo sendo também o público em que sua

grande maioria crianças com TEA.

Em virtude de ser um espaço de inclusão para os alunos das escolas que compõe aquele polo, é evidente a preocupação da parte dos profissionais quando falamos do meio arquitetônico e ilustrativo onde há rampas para acesso a sala, paredes limpas para que a criança consiga se concentrar no seu processo junto ao profissional sem ter meios de fuga que roubem sua atenção, materiais, jogos e brincadeiras que despertam o interesse e concentração da criança para que consiga se desenvolver de maneira significativa e pouco barulho para que seja confortável também em termos sonoros.

A criança com autismo quando inserida no ambiente consegue compreender o que é ensinado de forma mais clara quando há a presença de tais características, algumas não conseguem se concentrar com a presença de outras pessoas convidadas, às vezes por não se sentir confortável com a presença, mas conseguem aos poucos quando na presença de outra criança de uma mesma idade.

Esse processo mostra a importância de ambientes inclusivos para que a criança se sinta parte do momento e ambiente em que esta inserida, o centro de atendimento possibilita uma intensificação de interação e crescimento da criança como também formas de ultrapassar as barreiras da educação.

O município de Açailândia - MA tem um ótimo funcionamento quando tratamos do assunto de atendimento educacional especializado, mas um dos pontos preocupantes a ser reforçado é a não colaboração de todo meio educacional quando se fala do crescimento atual de números de crianças com laudos de autismo, a quantidade se torna preocupante quando é fato que não há a devida assistência quando falamos de uma troca de conhecimentos e informações do AEE, as escolas e pais.

Embora haja um bom funcionamento no AEE, é visível que algumas escolas não conseguem a devida interação para compreender as verdadeiras necessidades dos alunos e não acabarem resumindo ele a uma “caixa de impossibilidades”. As escolas e todas as pessoas que a compõem tem por responsabilidade a busca por conhecer a identidade do aluno e colaborar para que o mesmo tenha seus direitos atendidos de forma que não o exclua ou cause algum trauma.

A supervisão escolar, gestão escolar, secretaria, ASG (agente de serviços gerais do ambiente escolar), vigia e demais componentes da escola devem trabalhar juntos para construir uma verdadeira inclusão, a secretária escolar deve pensar em

propostas facilitadoras para esse processo e trabalhar de mãos dadas com as professoras e professores do ambiente.

Essa compreensão e a busca por novos métodos e objetivos no meio educacional devem visar também os pais, mães e responsáveis como meio fundamental para que sejam de fato eficácia em todas as adaptações e processos, onde a(o) responsável compreenda que medidas estão sendo tomadas e que eles tem também uma parte da responsabilidade nessa caminhada de compreensão e acolhimento da pessoa com necessidades específicas.

Neste contexto, é válida a busca por novos conhecimentos em teorias e práticas já utilizadas e através disso a busca por novas práticas e meios que conversem com a realidade da criança e a realidade de suas dificuldades.

Essa viabilização torna a inclusão em pauta de discussões para melhorias quando a problemática advém da família e funcionários públicos que devem ou deveriam ter a preparação necessária para estar habilitado quando se deparar com uma situação que necessita da inclusão, para que ela (e) não seja comprometida (o) a práticas banais de inserção escolar que oprimem e afastam da criança com autismo do desejo de estudar e se desenvolver. O aluno deve se sentir seguro em seus questionamentos, reflexões e autonomia, assim como na sala de AEE.

Contudo, a análise dessa visita e dessas interações ou a falta delas proporcionam um melhor entendimento do que é vivido na realidade da cidade de Açailândia – MA. E por meio deste, foi possível vislumbrar ações que auxiliaram nesse aspecto de forma considerável para as professoras e professores do município que apresentam uma ausência de preparação e troca de conhecimentos de diversas áreas da vida do aluno com autismo.

Figura 1 - Espaço arquitetônico do AEE no polo visitado.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Sala de Apoio Educacional Especializado, a organização se diverge de uma sala para outras. Podemos encontrar na sala pouca ou quase nenhuma colagem, muitos materiais pedagógicos e espaço para a criança interagir com o profissional.

O segundo momento, ocorreu mediante uma reunião que aconteceu na Secretaria de Educação no mês de junho de 2023, com a presença da orientadora Adriana Mesquita Lopes junto a bolsista Rebeca e as voluntárias Luciana e Rita de forma presencial na Secretaria de Educação, que é responsável por toda articulação de ensino do município, planejando, organizando e coordenando a realização de políticas públicas nas escolas de ensino básico municipais. Esse momento aconteceu com a participação da pessoa responsável pela coordenação da educação especial da SEMED Ivanilde Sobral de Lima, que tem a responsabilidade de disponibilizar serviços especializados em educação especial como professoras e professores de libras, atendimento educacional especializado, atendimento psicopedagógico, além de monitoras e monitores de inclusão.

O propósito dessa articulação era a troca de conhecimentos e informações para que a formação que entraria em vigor não fosse fora da realidade do ambiente. Em primeiro momento, o projeto foi apresentado com todo o cronograma criado e os objetivos que tínhamos como meta alcançar. Com a troca de informações e experiências, conhecemos um pouco do contexto em suas diversas dimensões explanadas.

Diante disso, foram feitas algumas alterações, como o público ao qual foi contemplado com esse momento de formação. Antes seria direcionado apenas para os professores, mas por reconhecer que são práticas e conhecimentos que toda a escola deve ter acesso, o momento foi expandido para as supervisoras e supervisores, gestoras e gestores, além de cuidadores que também atuam em sala de aula.

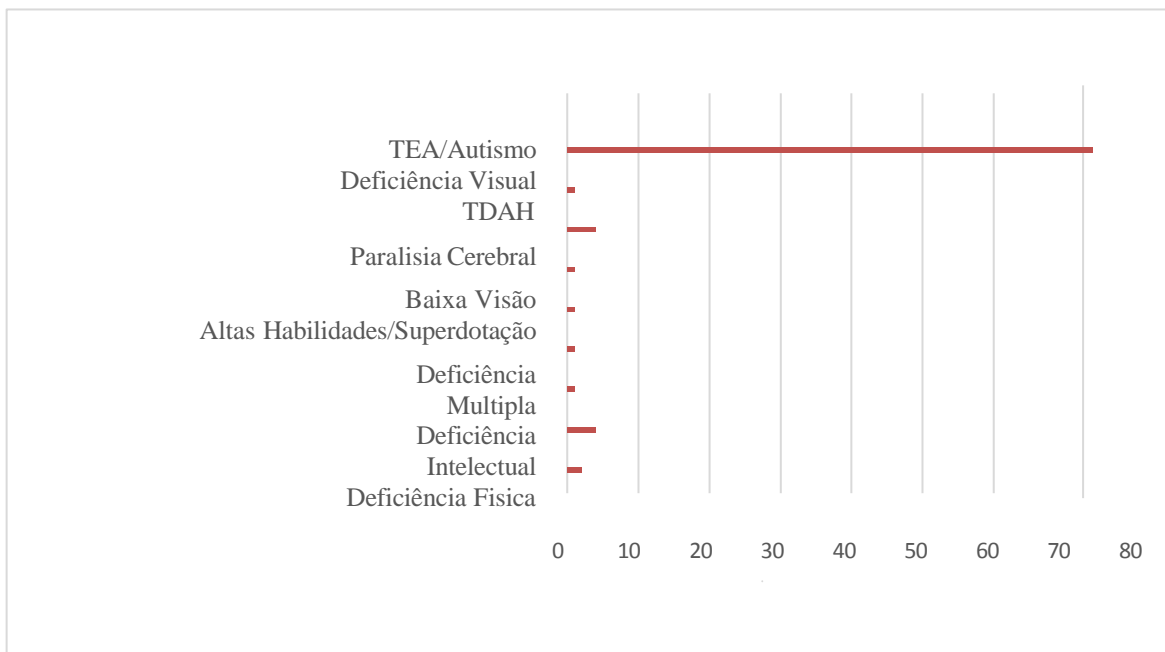
Freire (2020) discute a respeito dessas responsabilidades que colocam não somente o professor, mas também envolve amplamente a escola com um todo na responsabilidade de respeitar os saberes e experiências dos alunos, construídos em seus ambientes de convívio. Analogicamente, a atitude ideal para novas modificações no pensar certo é a configuração da busca teórica em pesquisas e prática conjunta.

O alinhamento de acontecimentos da formação que antes seria dividido no mínimo em dois dias foi concordado em acontecer em apenas um dia de forma

integral que abrangesse manhã e tarde. Houve a seleção de algumas escolas da zona urbana da educação infantil que apresentasse um quantitativo elevado de crianças com deficiências e/ou dificuldades de aprendizagens, além delas foram acrescentadas mais duas escolas, as quais têm por nome EM Amigunhos de Jesus, EM Tancredo Almeida Neves, EM Ivanete Oliveira de Macedo, EM Maria Sales da Silva e EM Maria de Carvalho. Assim, a formação foi voltada para a educação infantil como forma de analisar essa primeira fase da criança e auxiliar em todo o processo.

Logo foram disponibilizadas as informações das escolas em relação a quantidade de crianças com deficiência e discutidas as maiores necessidades entre elas, bem como a melhor maneira de intervenção. Como visto no gráfico a seguir, os maiores números apresentados são de crianças com TEA/Autismo e a partir dessa constatação, compreendemos a necessidade de se trabalhar com essa temática.

Gráfico 1: Quantitativo de pessoas com deficiências nas escolas do município de Açailândia – MA.



Fonte: elaborado pela autora com os dados da SEMEDE, 2023.

Logo com as discussões, foram elaborados novos planejamentos e cronogramas com a contribuição e disponibilidade da Secretaria de Educação para com os professores. De maneira geral, entendemos que a reunião foi de grande importância para reavaliar todos os pontos da formação e poder enfim pensar com um quadro real de demandas no meio educacional que garantissem uma educação

de qualidade para todos de forma segura e ampla.

A formação para os docentes da educação infantil foi um momento gerador para o início de uma educação que transforma.

A autora Carvalho (2019), discute a respeito da conjuntura social de limitações dos docentes que impedem que o resultado da formação apareça de imediato. Ressalta que o reconhecimento da atualização nos tira do status de imobilismo e acomodação para a inquietação que, por conseguinte, gera busca por renovação.

Em conformidade com as falas da autora e diante da realidade brasileira são urgente às mudanças pedagógicas, mas o sistema nacional não possibilita condições educacionais que promovam essas ideias e movimentos de imediato, deixando os profissionais como sujeitos únicos de culpabilidade. A atuação primordialmente inclusiva absorve tempo para estudo e aprimoramento da prática de acordo com as individualidades de cada pessoa.

Em outras palavras, Carvalho (2019) conclui com a ideia de racionalização, que a reflexão é ponto chave sobre a remoção de barreiras para a construção a transformação de novos ensinamentos.

Freire (2020), além de refletir sobre barreiras existenciais e bem difundidas discorre também sobre o poder do exercício crítico como o meio de resistência para que os indivíduos tornem-se absolutamente certos de suas convicções.

Os dois pontos dialogam a respeito de pontos excepcionais na carreira profissional docente. A indisponibilidade para fatores excludentes exigem reflexão e exercício crítico, para a promoção da liberdade educacional ao reconhecer que a mudança é difícil, mas precisa.

A formação, como exposto anteriormente, aconteceu em período integral em uma das maiores escolas da educação infantil que em sua estrutura disponibiliza um auditório onde foi realizada essa troca de conhecimentos em algumas salas durante um dia. A EM Pingo de Gente foi selecionada tanto pelo seu espaço quanto pela localidade de estar mais próxima ao polo de escolas escolhidas e ao centro da cidade.

Em primeiro momento, para a formação inclusiva, foram selecionadas as formadoras Ivanilde Sobral Lima no turno matutino e Silvano Alvez de Sousa no turno vespertino, o ambiente foi organizado em círculo para facilitar a participação e interação de todos. O evento contou com a presença de coordenadoras

pedagógicas, gestoras, professoras e professores e também com cuidadores que compõem o quadro de profissionais do município. Houve o momento da acolhida com músicas ambientes e entregues brindes (um cartão sobre inclusão acompanhado de um doce) de boas vindas para que os mesmos se sentissem queridos e confortáveis naquele ambiente.

As temáticas “Como trabalhar com alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagens no ambiente escolar”. No turno vespertino “Ensino de adaptação do plano de aula” ocorreu estudo de alguns casos no meio pedagógico e a construção na prática de um plano de aula adaptado.

Então, para dar seguimento, foi cedido um momento de fala para a professora Ivanilde Sobral Lima, coordenadora da educação especial da SEMED que colaborou singelamente com essa formação junto ao diretor de Centro da UEMASUL de Açailândia que desejou boas vindas e explanou um pouco sobre o objetivo e a magnitude do projeto.

Logo após, discorreu com uma dinâmica de comunicação, as professoras e professores puderam demonstrar autonomia no momento da dinâmica e muito apoio na realização da mesma. Nesse meio tempo, todas e todos já estavam mais a vontade e dispostos a estarem naquele ambiente de forma que se configurasse como um espaço seguro para falas e posicionamentos.

Finalmente, o primeiro momento começou com a palestrante Ivanilde Sobral Lima e apresentação com a temática de “como trabalhar com alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagens no ambiente escolar”, ao discorrer sobre o assunto com toda a sua preparação em falas, slides e demonstrações pelo seu cotidiano, houve diversos momentos de questionamentos por partes das pessoas convidadas para aquele ambiente.

As dúvidas frequentes não advinham apenas de como trabalhar com uma criança atípica, mas em relação ao suporte necessário que por vezes a falta dele se torna um dos empecilhos para que haja atividades que incluam a todos, podendo compartilhar conhecimentos sem se sentirem excluídos no ambiente escolar.

Carvalo (2019), estebelece como questões complexas que refletem no modelo de sociedade vigente, quando levantadas questões difíceis na educação inclusiva que merece condições de acessibilidade para atender as demandas. A tarefa de apoio educacional do docente e também do acompanhante educacional não são simples, por esse fator, precisa-se considerar aspectos motores,

psicológicos, cognitivos, as habilidades do aluno com autismo e suas competências sociais.

Com essas colocações selecionadas e divididas em cada nível de suporte da educação, para que o aluno seja valorizado em suas particularidades sem que seja diminuído e negligenciado, resultando em pautas que negam a existência de uma educação para todos.

Ao decorrer da exposição, surgiram diversas discussões necessárias e que fizeram com que todos compreendessem que para que se cumpram de forma verdadeira a inclusão, é necessária a união de todo um cenário social, visando a garantia dos direitos das crianças e adolescentes de forma descente e respeitosa.

Dessa maneira, desenrolou-se a solução para alguns cenários e evoluiu os pensamentos e conhecimento a respeito das pessoas com deficiência e dificuldades de aprendizagem, principalmente em relação a respeito da criança com autismo, que por vezes, pela escassez de busca de conhecimentos, são mal compreendidas e abandonadas em sala pelos seus próprios tutores. Algumas falas da vida na escola discorreram de algumas professoras, e, com tudo, foi possível corrigir algumas ações que seriam interessantes na mediação da professora ou professor em sala de aula.

Além disso, verificou-se a quantidade de pessoas com autismo por polo e com a estimativa em quantidade sucedeu falas sobre as características mais comuns e os níveis de suporte, tais pronunciamentos viabilizaram a troca de conhecimento e o suscitar de novas visões do autismo.

Ademais, a intenção de ampliação de habilidades, o estímulo para o aprofundamento do conhecimento foram os caminhos de capacitação escolhidos para modificação no contexto profissional do educador para que eles consigam acompanhar o ritmo de aprendizagens atuais e com isso o aprimoramento profissional.

Diante disso, o primeiro momento da formação superou as expectativas pela quantidade de pessoas que compareceram pela participação e também por conseguiram assimilar algumas das propostas que focaram em um conhecimento das pessoas com autismo e deficiências, características, competências e, sobretudo como lidar com elas.

Figura 2 – Formação inclusiva na educação infantil em Açailândia.



Fonte: autoria própria, 2023.

Registro fotográfico de todas as participantes da formação continuada para professoras e professores do município de Açailândia - MA. A quantidade considerável de docentes presentes chegou a 85 e foram quase toda de mulheres, havia apenas um homem. Pessoas que alcançaram respostas de dúvidas e participaram de discussões significativas para a sua atuação profissional.

Figura 3 - Formação pela manhã.



Fonte: autoria própria, 2023.

No turno vespertino, a formação teve por temática “ensino de adaptação do plano de aula” mediada pela profissional Silvany Alvez de Sousa atuante em salas

de AEE, que colaborou com suas habilidades de formas específicas e diretas. A formadora conseguiu favorecer as(os) docentes ao ponto de entenderem que há respostas para causas corriqueiras e que há intervenção pedagógica no reajuste de princípios antes errôneos difundidos apenas sobre uma inserção educacional.

Nessa segunda fase da formação, realizou-se em forma de oficina, a adaptação de um plano de aula. Todas e todos conseguiram acompanhar e colocar em prática um plano de aula que se encaixasse no quadro de níveis de dificuldades de seus alunos, apontando não apenas as dificuldades como também as possibilidades de melhoramento para a aula em execução.

Tais observações exploram a dinamicidade dos profissionais em sala, sobre o pouco ou muito conhecimento que eles têm sobre o aluno. Freire (2019) aponta essa característica de disponibilidade às curiosidades, emoções e pensar crítico como algo proveitoso na docência pedagógica, onde é aprendido quem se é em relação ao outro e o conhecimento da pluralidade que o cerca.

Para, além disso, o momento serviu para discutir e elaborar táticas que assessorem o aluno com autismo sem que o mesmo se sinta pressionado ou desenvolva alguma crise.

A prática de construir um plano de aula que realmente inclui, molda novas ações necessárias nas escolas do município. Essa aplicabilidade compreende a equidade como uma via de equiparação onde a criança com autismo consiga identificar novos conhecimentos junto aos seus colegas de classe sem que seja separado, excluído ou subjugado.

As demandas atuais para a atuação docente consiste em conhecer exigências curriculares e habilidades para a prática, Pinola e Prette (2014). São saberes que constroem um ambiente e asseguram a efetividade de articulação no ambiente pedagógico.

Em discussão aos pontos anteriores, Freire (2020), torna mais profunda a discussão quando remete sua visão do professor como aquele que não pode assumir uma posição neutra na educação. Com isto, ele explica uma tomada de decisão a favor da liberdade ou a falta dela, escolhas que consistem em amadurecimento do ser pedagógico.

A democracia diante da identidade de um mediador que promove equiparação, é a favor da democracia amadurecida em defesas dos direitos e contra qualquer forma de autoritarismo.

Figura 4 - Formação inclusiva no turno vespertino.



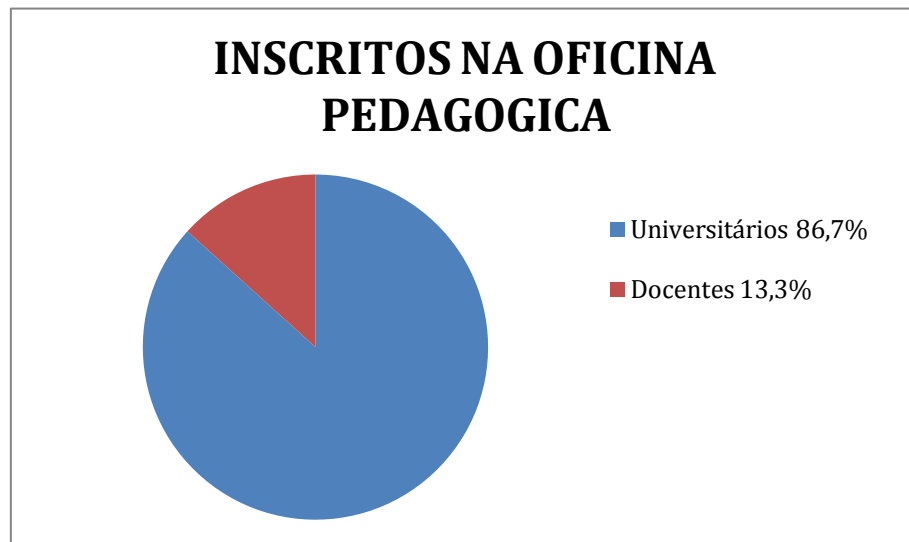
Fonte: Autoria própria, 2023.

O registro acima foi da parte da tarde da formação, as professoras estavam dialogando sobre características dos seus alunos para uma prática de adaptação do plano de aula que visou uma inclusão com materiais pedagógicos e meio que facilite a compreensão da pessoa com autismo.

A oficina pedagógica realizada para confecção dos materiais inclusivos foi pensada como um meio estratégico onde as professoras e professores pudessem participar da confecção de materiais inclusivos para o uso em sala de aula. O evento foi aberto a todos os públicos, mas tinha como foco os docentes que ministram aulas nos anos iniciais, para que eles pudessem encontrar estratégias que facilitem o ensino aprendizagem da criança com autismo.

O encontro de profissionais para a oficina aconteceu no mês de novembro na Universidade Estadual do Maranhão da Região Tocantina, com a profissional Silvany Alvez de Sousa, a participação se deu por docentes e universitários com exposto no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Quantidade de participantes na oficina de materiais pedagógicos.



Fonte: Dados coletados pela autora, 2023.

O gráfico acima traz a porcentagem da quantidade de discentes universitários e docentes da educação que estiveram na oficina pedagógica com o objetivo de elevar suas atuações para a inclusão. No seu total foram 15 participantes, o momento foi pensado em um público maior e mais diversificado, mas os que conseguiram estarem presentes foram somente universitárias e docentes.

O momento foi planejado e organizado de forma estratégica de fácil acesso por meio da inscrição online e para quem não conseguisse concluir o processo também havia a possibilidade de realizar a inscrição via WhatsApp. Além de construir materiais recicláveis, também foram disponibilizadas atividades, brincadeiras e jogos plastificados que permitem a reutilização e atendem a uma maior durabilidade.

O primeiro momento foi marcado por uma palestra com a Silvany Alvez de Sousa onde foi conduzido a como seriam utilizados alguns materiais e a importância do uso deles com as crianças. Logo foram estudados alguns casos de alunas e alunos atípicos aonde a palestrante conduziu aos indivíduos presente a intervir da melhor forma para que a criança atípica consiga compreender aquele momento como algo marcante em seu processo educacional.

Figura 5 - Discussão acerca dos usos dos materiais pedagógicos.



Fonte: Autoria própria, 2023.

A foto acima registrou o momento de apresentação da temática acerca dos materiais pedagógicos que promovem a inclusão e discussão de todos os inscritos com levantamento de dúvidas e exposição de experiências. De conformidade as pautas da oficina, Pinola e Prette (2014) afirmam a precisão de organizações e práticas que contemplem as diferentes áreas do conhecimento. A oficina além de habilitar o conhecimento diversificado disponibilizou materiais para a educação infantil voltada para as diversas áreas de crescimento cognitivo.

Ao propiciar condições de ensino aprendizagem para todos os alunos, coopera-se para que a inclusão social saia de palavras e teorias e possam se tornar experiências e ações intencionais para modificar a realidade.

Por conseguinte, os participantes foram direcionados para a construção de materiais que serviriam futuramente como apoio para o ensino de assuntos ensinados em sala, como o alfabeto, números, cores etc. Todos confeccionados de maneira adaptada para facilitar a compreensão da pessoa com autismo, além de estratégias de jogos e brincadeiras que colaboram para o objetivo.

Figura 6 - confecção dos materiais inclusivos.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Registro da oficina pedagógica, as participantes conseguiram produzir materiais recicláveis com caixas, tampas de garrafas, etc. Além de materiais plastificados para o uso com os alunos atípicos. As produções foram divididas em etapas que enquanto umas produziam com recicláveis as outras organizavam os jogos, brincadeira e atividades dos papeis para plastificar.

5.2. Inclusão de crianças autistas em Açailândia – MA

As crianças com autismo inseridas nas escolas de educação regular do município de Açailândia - MA foram as mais visadas nesse estudo por apresentarem uma grande pluralidade em suas habilidades e dificuldades de aprendizagem. Por representarem o maior quantitativo de pessoas com autismo em comparação as outras pessoas com deficiência e níveis de suporte diferentes.

O envolvimento das professoras e professores do município na formação ofertada de maneira gratuita em parceria com a Secretaria da Educação trouxe resultados de relatos escritos mediante as discussões, levantamento de dúvidas,

exposições de experiências e novos saberes, acontecimentos que fortaleceram o objetivo de reconstrução de pensamento para um pensamento crítico social.

Entretanto, foi disponibilizada outra forma de coleta de dados por meio do formulário de perguntas online, disponibilizado para todas as pessoas que participaram da formação continuada. Ele foi construído com dez questões sendo divididas entre discussivas e questões objetivas em sua maioria para não demandar tanto tempo, mas que fizesse refletir sobre seus conhecimentos pré-estabelecidos antes da formação e depois da formação.

Infelizmente, somente sete pessoas responderam as perguntas. E entre as sete, nenhuma respondeu todas as questões e por esses motivos decidi não trazer as respostas nessa pesquisa. Assim, nos remete a reflexões de possíveis motivos que as fizeram negar suas participações, tais como o não conhecimento de tecnologias de acessos, a não compreensão total das questões levantadas nas palestras da formação ou somente nenhuma intenção de participação do processo de coleta de dados.

Diante disso, observamos a complexidade encontrada no município advinda da qualidade de respostas que manifestariam suas opiniões, assim como o levantamento de informações para conhecimento de cada docente e as escolas onde atuam, trazendo uma limitação ao processo de reflexão. Com as possíveis respostas, veríamos a disposição de participação para conhecimento das adequações, métodos e práticas em sala e nos espaços escolares como também a movimentação de pesquisas do corpo pedagógico.

Sendo assim, é válido o ponto de vista da autora Vera Maria Candau (2012) que diz respeito ao professor, não sendo ele um mero executor de diretrizes propostas por centros e poderes educacionais, mas será um forjador, que constroi a história junto ao educando de maneira conciente ao vislumbrar o desenvolvimento do povo. Por mais que as perguntas não tenham conseguido o seu objetivo principal de alcançar a todos para a análise, foi possível vislumbrar a remodelação das práticas e ideias de alguns docentes, interpretando o papel de “forjador” que segundo a autora mencionada, é o que mobiliza a história com uma configuração digna para todos.

Dessa forma, o ensino por meio de soluções de problemas se mostra como uma alternativa válida, não só para a construção de conhecimento ou sua redescoberta, como, também, para criação de um ambiente de pesquisa em

que o aluno e professor se aproxima de forma real. (Candau, 2012, p.74)

A autora exemplifica em suas palavras uma didática educacional que se dá por meio de soluções de problemas, pensamentos esses validos para todas e todos atuantes no ensino aprendizagem. Ao situar as pessoas com autismo inseridas nessa realidade, a didática como aquela que cria e desenvolve os alunos não somente em aspectos cognitivos, irá beneficiar a ampliação de conhecimentos e troca de experiencias dos alunos.

Em geral, o projeto foi objeto de reflexão para evolução dos papeis pedagógicos. Sendo uma ação ofertada para docente, gestores, coordenação e cuidadores escolares para esclarecimentos necessários sobre os paradigmas da educação inclusiva. Carvalho (2019) considera que as exigências sobre os educadores são muito mais do que apenas transferir o conhecimento, em um paradigma histórico e buscas por novas fases de evolução, a proposta é a busca de uma educação mais ampla que envolva a educação como um todo.

Dessa maneira, podemos sinalizar o projeto em todas as suas ações como amplo para o desenvolvimento docente e mudanças explícitas quando visado às práticas e construções de materiais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva para crianças dos anos iniciais, diferentes do que muitos pensam, é uma modalidade crucial a ser desenvolvida. Nesse modelo de educação, a criança consegue encontrar a saída do medo de não ser aceita ou de não ter a capacidade e potencialidade para continuar na caminhada educacional.

Acredito que o estudo desenvolvido conseguiu satisfazer os anseios do(a)s docentes em relação as dúvidas a criança com TEA, potencialidades a serem desenvolvidas e estratégias que facilite a execução da inclusão educacional. Evidenciaram-se dificuldades em relação aos levantamentos de dados, mesmo sendo esse um fator relevante não minimiza as ações desenvolvidas. Foram aprendizagens que trouxeram transformação de pensamento e atitudes não somente do campo pedagógico do município como também para mim enquanto acadêmica de pedagogia.

Dessa maneira em todos os diálogos, todo o estudo e análise, existem meios que possibilitam uma mudança educacional e social, mudanças que precisam de um ponto de partida, pessoas que cumpram corretamente com suas responsabilidades, compromisso e apoio de todo o meio educacional. São ações que devem ser assumidas por todos os profissionais, não apenas pelos (as) professores (as) em questão, ações de responsabilidade e respeito.

Ademais, com a visualização de mudanças se visualiza também dificuldades, mas para, além disso, é possível o alcance de resultados que se sobressaiam a qualquer obstáculo encontrado pelo caminho. A maior conquista enquanto professora e professor é entender que o processo vale a pena e que o resultado positivo do aluno também é uma vitória para o docente.

Para melhor entendimento a respeito dos resultados positivos, podemos sinalizar o desenvolvimento social do aluno, o entendimento do grupo a respeito da diversidade, desenvolvimento cognitivo de forma significativa, apoio diante de novos pensamentos e posicionamento a respeito de si e suas dificuldades, evolução nos trabalhos desenvolvidos em aula e diversos outros fatores que são dados como avanços para a vida educacional da aluna e do aluno.

Igualmente, as habilidades desenvolvidas que favorecerão o aluno com autismo, os profissionais da educação e os colegas de classe refletirão além dos

muros da escola. O aluno com apoio escolar e familiar conseguirá ultrapassar barreiras que o excluem e terá consigo uma certeza de que as suas dificuldades não o fazem menos merecedor do que os outros que compõem o mesmo ambiente social.

Por certo, não é um processo rápido ou fácil como citado anteriormente, mas é uma caminhada de persistência e busca pelos direitos e autonomia da criança com TEA. Quando afirmado seus conceitos e entendimento de si e do outro a aluna e o aluno conseguirá atingir seus objetivos sem a opressão de uma sociedade preconceituosa e com valores simbólicos que ferem as minorias.

Todavia, o autismo (TEA) deve ser entendido através de estudos e conhecimentos que são e serão necessários para uma boa carreira profissional no meio da educação. O educador, ao escolher esse cargo, não se responsabiliza apenas por uma parte dos alunos ou por uma parte da sala, mas por todos que a compõem, e com essa responsabilidade, escolhas inclusivas, apoio e materiais que auxiliem o processo a professora e/ou professor de classe conseguirá avançar de uma pedagogia tradicional para uma pedagogia ativa, uma pedagogia que promove mudanças e autonomia.

Diante disso, os estudos e análises das aplicações das ações estabeleceram ótimos resultados visto que foi a primeira ação voltada a temática de inclusão e que os docentes tinham grandes dúvidas e receios em adaptar as aulas e planos de aula para a criança com TEA no município de Açailândia. O processo foi cheio de interações e boas resoluções de planos feitos e adaptados, de dúvidas tiradas e de desenvolvimento da autonomia dos profissionais para a construção de materiais inclusivos e a mediação em sala de aula.

Os questionamentos levantados foram pertinentes para a consolidação de conhecimentos e dúvidas antes inertes de busca por respostas. As interações assumiram um papel importante colaborando para a troca de saberes e conexões entre os docentes e todos que tiveram a oportunidade de participar do projeto enquanto profissional de apoio, universitário, gestor e coordenador.

Assim sendo, o projeto alcançou objetivo de proporcionar um ambiente formador propício a debates e práticas que beneficiem a atuação no ambiente escolar foi alcançado. Fortalecendo assim, a base de conhecimentos inclusivos a busca pela didática e ludicidade no ambiente escolar instigando a pesquisa e busca por melhores adaptações que sejam específicas para os alunos em seus

conhecimentos e dificuldades individuais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2023. 1037 p.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **A construção de ambientes educativos para a inclusão**. Curitiba: Pró-Infantil, 2008. 162 p.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**. 28 dez. 2012.

BRANDÃO, Mariana Folly et al. Características socioeconômicas, demográficas e nutricionais de crianças com transtorno do espectro autista. **ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**, Rio de Janeiro, p. 1-14, 22 nov. 2023.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. 33. ed. São Paulo: Vozes, 2012. 75 p.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 13. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019. 176 p.

DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS PLANO DE AÇÃO PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM, 1990, Tailândia. **DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS [...]**. 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 72 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas,

2021.

LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed. Brasília: SENADO FEDERAL, 2023. 66 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. 86 p.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, S. G. (org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-37.

REGRAS PADRÕES SOBRE EQUALIZAÇÃO DE OPORTUNIDADES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS, 1994, Salamanca, Espanha. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA**, 1994. 17 p.

ROSIN-PINOLA, Andréa Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, p. 341-356, 26 jan. 2024.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Problemas da defectologia.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021. 239 p. v. 1.

YIN, Robert Kuo Zuir. **Estudo de caso: Planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.

ALCÂNTARA, Andréia Brasil da Silva et al. Desafios à inclusão da criança autista na educação infantil. **Revista interações**, p. 38-57, 31 jan. 2024.